

# Artigo

## ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS DE GÊNERO: ESTENDENDO OS OLHARES

Miriam Adelman

### Palavras-chave

estudos culturais, estudos de gênero, conceito de cultura, sociologia da cultura.

### Keywords

cultural studies, gender studies, concept of culture, sociology of culture.

### Biografia

Miriam Adelman (M.Phil em Sociology da New York University e doutora pelo Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina) é professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná desde 1992. É co-fundadora e co-coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero da mesma instituição. Entre seus interesses atuais (ensino e pesquisa), os principais são: Teoria Sociológica Contemporânea; Estudos Culturais; Teoria Feminista; Corporalidades e Subjetividades.

### RESUMO

O conceito de cultura, conforme formulado desde olhares disciplinares distintos (antropologia, sociologia, semiótica, psicanálise, etc.) enfatiza dimensões diferentes que convergem na abordagem crítica e interdisciplinar dos Estudos Culturais - de acordo com a proposta e a síntese feitas inicialmente por Raymond Williams e desenvolvidos posteriormente por Stuart Hall e outros. Este artigo discute as possíveis vantagens desta perspectiva nova (assim como suas relações “produtivas” com outras abordagens contemporâneas de cultura e “culturalidade” – culturalness), que se forja através de debates, conflitos e “interrupções críticas”. Exemplo desta última foi a batalha citada por Hall das teóricas feministas, que na década de 1980 precisaram se empenhar em demonstrar a importância da dimensão de gênero nos fenômenos culturais da (pós) modernidade.

The Looking-Glass world which the brave and sensible Alice enters, refusing to be caught up in her own reflection over the mantelpiece, is not a place of symmetrical reversal, of anti-matter, or a mirror-image inversion of one she comes from. It is the world of discourse and of asymmetry, whose arbitrary rules work to displace the subject, Alice, from any possibility of naturalistic identification. Although in the transit Alice is divested of many a smug, self-righteous certainty, still she keeps on asking questions and wanting to know, who “dreamed it all?” Teresa de Lauretis, **Alice Doesn't: Feminism, Semiotics, Cinema.**

### CULTURAL STUDIES AND GENDER STUDIES: ON EXPANDING OUR WAYS OF SEEING

The concept of culture, as it has been formulated through distinct disciplinary gazes (Anthropology, Sociology, Semiotics, Psychoanalysis, etc.) emphasizes different dimensions that converge in the critical and interdisciplinary approach of Cultural Studies,

following the proposal and synthesis initially elaborated by Raymond Williams and further developed by Stuart Hall and others. This article discusses the possible advantages of such an approach (and its “productive” relations with other contemporary approaches to culture and “culturalness”), as it has been forged through debates, conflicts and “critical interruptions”. An example of the latter is the struggle cited by Hall in which feminist scholars of the 1980s fought to demonstrate the importance of the gender dimension for our understanding of the cultural phenomena of (post) modernity.

## **INTRODUÇÃO: DA SOCIOLOGIA DA CULTURA AOS ESTUDOS CULTURAIS: UMA TRAJETÓRIA POSSÍVEL**

Os Estudos Culturais encontram sua origem num momento de transformação das perspectivas críticas que se gera, quase simultaneamente, dentro e fora da academia. Trata-se de um momento histórico tão conturbado quanto inesperado, período que continua inspirando tanto o fascínio das pessoas quanto acirrados debates teóricos: “os anos sessenta”<sup>1</sup>. Não é coincidência que um dos seus textos fundantes – o livro de Raymond Williams, *Cultura e Sociedade: 1780-1950* é reconhecido como texto que marca o surgimento da Nova Esquerda Britânica. Fato notável também porque o livro aparentemente tratava só indiretamente do momento propriamente político da vida social, enquanto focalizava e analisava discursos – principalmente literários – sobre cultura e sociabilidade desde a consolidação da modernidade até o início do período de uma já inaugurada (sociedade da) cultura de massas. No entanto, o desafio teórico despretensiosamente contido nas suas páginas veio a aguçar os espíritos dos que, nesse momento, incomodavam-se com as fórmulas de uma visão marxista mais tradicional que temia em não abandonar noções como a do proletariado como sujeito universal de uma revolução (igualmente universal), ou a das relações “materiais” e econômicas de classe como os grandes “determinantes” da sociabilidade e da cultura, marcando estas últimas, por tanto, como momentos subordinados de reprodução sistêmica. Assim, estes novos esforços teóricos puderam fornecer um tão necessário impulso em direção

---

1 “The sixties is merely a name we give to a disruption of late capitalist ideological and political hegemony, to a disruption of the bourgeois dream of unproblematic production, of everyday life as the bureaucratic society of controlled consumption, of the end of history... a struggle over turf with the seizing of the streets, of the Sorbonne, of the ideological apparatuses themselves... What you finally decide to think the sixties was is one of the forms in which you affirm or repudiate a whole part of your own life” (Sayres, Stephanson, Aronowitz and Jameson, 1984) Para uma breve discussão de alguns dos debates que continuam se dando em torno da época e seu legado político e cultural, ver Adelman (2001).

à uma visão crítica “pós-marxista” da sociedade e da política, que reconheceria outros sujeitos, diversas formas de fazer política, e permitiria uma re-avaliação das relações entre as diversas esferas e dimensões da vida social – público e privado, “produção” e “reprodução, trabalho, cultura e sociabilidade, assim como a antiga dicotomia marxista em relação ao “material” e o simbólico.

Desde seus momentos iniciais com o nascimento do CCS (Centre for Cultural Studies) em Birmingham, passando várias fases e espalhando-se inicialmente mais pelo mundo anglofone, os Estudos Culturais hoje gozam de adeptos através do globo. Na América Latina assim como em outros lugares, os esforços de teorização que se juntam nos Estudos Culturais marcam uma convergência de interesses de pesquisa e debate de estudiosos que provêm de uma ampla gama de disciplinas e campos do saber: teoria literária, história, sociologia, antropologia, lingüística, filosofia, entre os mais proeminentes.

Mais do que voltar aqui para reconstruir todo o processo histórico de construção dos Estudos Culturais <sup>2</sup>, para a presente discussão é importante tentar esclarecer qual sua proposta e suas contribuições específicas para o estudo da cultura, o que também significa entender sua relação com alguns debates sobre arte, cultura e sociedade

<sup>2</sup> Para esta finalidade, existem vários trabalhos úteis. Além dos escritos de Hall (2003) os trabalhos de Mattelart (2004) e Tomaz Tadeu da Silva (2000) fazem parte de uma bibliografia inicial em língua portuguesa.

que possuem hoje uma longa história. Neste sentido, gostaria de ressaltar que, muito a partir dos impulsos dados pelos textos pioneiros de Raymond Williams (ver os comentários de Hall, 2003a, ao respeito), os Estudos Culturais iniciam uma discussão teórico-metodológica que instiga a repensar o próprio conceito de cultura.

Entre os aspectos mais significativos desta tentativa de rever como trabalhamos com a noção de cultura, destaco três. Primeiro, com um agudo senso histórico que nos leva a refletir sobre as transformações sociais que estão por trás da produção do termo na sua utilização moderna (na língua inglesa, a palavra culture vinha de uma associação mais antiga aos processos de cultivo da terra) Williams promove um distanciamento inicial de um certo “senso comum” incorporado também em alguns discursos acadêmicos sobre cultura. A partir disso, nos permite uma reaproximação, re-avaliando nossa herança teórica também, promovendo um trânsito muito frutífero para além de fronteiras disciplinares,<sup>3</sup> que vão a passar

<sup>3</sup> Neste sentido, ele resgata tanto o conceito de cultura como “modo de vida singular de um povo” advindo da antropologia clássica; quanto a noção de cultura como elaborações no campo das idéias e da arte- e também como ideologias que refletem e exprimem as lutas que emergem de um mundo social profundamente estratificado - como vinha sendo tratado numa sociologia da cultura mais tradicional, e finalmente, a acepção contribuída a partir da lingüística estruturalista e pós-estruturalista, que sugere pensar cultura em termos mais amplos,

a conviver no diálogo e mantendo, como Jane Flax diria (1991), suas tensões produtivas.

É neste contexto que emerge também, diretamente do trabalho de Williams, outro debate que permite um avanço no nosso pensamento sobre cultura. Trata-se da polemização de noções de cultura baseadas em binômios como “cultura erudita/cultura popular”<sup>4</sup> ou “alta cultura/cultura de massas”, distinções muitas vezes sustentadas na tradição sociológica (como na conhecida e muito influente caracterização da “indústria cultural” de Adorno e Horkheimer) e em algumas vertentes-chaves da filosofia e da crítica literária.<sup>5</sup> Williams dá um primeiro e grande passo na desconstrução destes binômios ao questionar o próprio conceito de “massa” (as massas, ele sugere, não existem a não ser nas nossas próprias mistificações, pois estamos sempre colocando nossos outros nessa categoria), sugerindo também que nos livremos do impulso de pensar “cultura” e “classe” como termos coextensos conforme colocado em vertentes marxistas. Em lugar disto,

---

como “práticas de significação” (e que por tanto, pode virar a abranger todas as práticas cotidianas onde os diversos aspectos da vida são significados e resignificados).

4 Presente, como Hall nos alerta, também no trabalho pioneiro do autor russo M. Bakhtin (Hall, op.cit. 2003a).

5 Por exemplo, no trabalho do filósofo espanhol da “geração de 1914” Ortega e Gasset, e na escola inglesa de crítica literária, New Criticism, outro movimento teórico da primeira parte do século XX.

nos sugere Williams, devemos pensar na (produção da) cultura de maneira mais parecida com o fenômeno da linguagem, que só existe a partir de estruturas partilhadas – e utilizadas, e transformadas cotidianamente – por todos os membros de uma sociedade, claro está, a partir de posições socialmente diferenciadas. Desta maneira também, podemos pensar no nosso mundo em termos de “cultura(s) em expansão”; em lugar, por exemplo, de produzir uma visão mais pessimista, de declínio de uma verdadeira cultura superior (como seria o caso da dimensão estética de Marcuse) e da evolução dos novos meios de comunicação como formas que se valem da reprodutibilidade técnica na “banalização” da cultura e a substituição de formas de sociabilidade mais autônomas por outras que permitem a manipulação das massas, como os frankfurtianos sustentavam. Sem deixar de considerar as conseqüências destes novos meios que de fato produzem muito mais “para a classe trabalhadora” do que por ela mesma, Williams alerta para a necessidade de não tirar desta situação conclusões fáceis ou simplificadoras demais. Por um lado, porque os novos formatos midiáticos não determinam seus conteúdos: a produção destes continua sendo um processo em aberto, e em disputa. Por outro, porque é necessário romper com a noção de existir uma “verdadeira cultura proletária” que se opõe claramente a uma cultura de elite, para em lugar disto situar nossas análises no plano de instituições, processos e

momentos históricos específicos, nos quais a produção cultural se desdobra relacionalmente. E ainda mais, visto que – como já assinalamos – os novos formatos não predeterminam em si os conteúdos nem os usos que lhes serão dados; muito pelo contrário, abrem para uma gama ampla de possibilidades, contraditórias e passíveis de novos e surpreendentes desdobramentos – um ponto que se tornará um eixo de todo o posterior desenvolvimento da perspectiva dos Estudos Culturais.

Em terceiro lugar (e aqui não nos remetemos mais a obra de Williams, senão as contribuições posteriores, vindo principalmente da teoria feminista e dos estudos críticos sobre raça), os Estudos Culturais nos encorajam a ver os processos de produção cultural a partir também da participação (atual e histórica) de grupos que, socialmente marginalizados, não eram reconhecidos pelas suas contribuições à cultura moderna. Assim como as mulheres vinham sendo representadas como “o outro arcaico da modernidade” (cf. Felski, 1995)<sup>6</sup>, a representação ocidental dos “não ocidentais” também situava estes numa posição de ausência, negação ou oposição aos processos que fundam a cultura ocidental (cf. Said, 1979; Hall, 2003). Mesmo na crítica cultura inspirada nas teorias marxistas do imperialismo, as diversas culturas dos países e povos

6 E/ou também, como tão astutamente argumenta Huyssen (op.cit.) o veículo, receptáculo ou quinta-essência da cultura de massas, que se oporia à cultura superior, erudita e – no seu momento – modernista.

colonizados tendem a ser representados como tão contundentemente dominados pelas culturas colonialistas que reduzem-se, outra vez, ao seu outro passivo, subjugado, aculturado<sup>7</sup>. Contudo, para “continuar a conversa” e em alguns sentidos importantes, mudar seus termos, as teóricas feministas desenvolveram um outro olhar sobre os processos históricos conturbados, contestado e contraditórios de construção da sociedade e culturas modernas, mostrando uma presença feminina que criava, desde as margens e os interstícios, mas também, por vezes, forçando a entrada nos espaços institucionalizados, outros olhares.<sup>8</sup>

De forma semelhante, a teoria pós-colonial, que se desenvolve a partir da obra pioneira de Edward Said (op. cit.), recupera a atuação de outros Outros da modernidade – como no argumento de Paul Gilroy (2001) sobre a constituição de um Atlântico negro como contracultura da modernidade, os trabalhos de Hall (2003), Bhabha (1994) e Canclini sobre as híbridas que moldam a modernidade<sup>9</sup>,

7 Os trabalhos de Appadurai (1996), Thompson (1995) e Canclini (1995) fazem importantes críticas dessa perspectiva.

8 O que acontece quando o sujeito historicamente colocado na posição de “objeto do olhar” inverte sua posição e verte sua própria forma de ver sobre os processos que o (a) objetificavam? Esta grande questão estimula toda uma produção por parte de teóricas feministas que a estudam dentro do contexto midiático do cinema, desde os trabalhos pioneiros de Mulvey (2000) Kaplan (2000) e Lauretis (1984) que tornaram-se leituras indispensáveis.

9 Como aponta Canclini sobre a

assim como as elaborações de Arjun Appadurai sobre uma esfera pública diaspórica que transborda fronteiras nacionais e se faz como veículo de articulação de identidades e “formas de imaginar o eu” baseadas em experiências e processos dos povos das diásporas atuais. Estas contribuições vêm a complexificar os debates sobre cultura de uma forma realmente nova, inserindo sujeitos e problemáticas teóricas, e balizando-se, nos Estudos Culturais, no aporte gramsciano de pensar e entender a cultura como espaço de luta pela hegemonia - luta simbólica, sim, mas não por isso, sem estar profundamente imbricada nas dinâmicas institucionais e “materiais” da vida social.

Finalmente, há um quarto ponto que se dá também como desdobramento das questões anteriores – da redefinição dos campos onde a cultura se forja e se transforma, da relativização das fronteiras entre categorias antes tidas como nítidas, de “alta cultura” e “baixa cultura”, ou cultura erudita e cultura popular, de entender os sujeitos da cultura na sua complexidade, e não como agentes – ou “não-agentes” - fixos em categorias simples e nítidas de dominadores (ativos)

---

centralidade de uma visão de culturas híbridas nos Estudos Culturais: “... é conveniente deslocar o eixo da análise para a heterogeneidade e a hibridação. O especialista em cultura ganha pouco estudando o mundo a partir de identidades parciais: seja a partir das metrópoles, das nações periféricas ou pós-coloniais, das elites, dos grupos subalternos, de uma disciplina isolada, ou do saber totalizado. Aquele que realiza estudos culturais fala a partir das interseções” (2006: 23)

e dominados (passivos). Responde também, metodologicamente, à grande preocupação dos Estudos Culturais com os fenômenos midiáticos, isto é, com a grande importância que “as mídias” têm, hoje, na produção dos discursos, práticas e significados que constituem a cultura contemporânea. Falo aqui dos estudos de recepção, como Stuart Hall tratou no seu texto pioneiro sobre a “codificação/decodificação” (2003) e a antropóloga Heloisa Buarque de Almeida (2003) desenvolveu através de estudo etnográfico Telenovela, consumo e gênero. Estes autores fazem parte de todo um movimento teórico que defende – e realiza -novas leituras dos momentos de “produção” e “recepção” de discursos midiáticos, na sua permeabilidade e interconexão. A visão mais convencional de dois momentos, um (determinante e “todopoderoso”) de “produção/emissão” de mensagens e um outro (dependente) de “consumo” de mensagens, cede lugar à esta nova visão de movimento mais “cíclico” no qual a significação não ocorre num momento só, senão que se constrói ao longo do ciclo. Por outro lado, mantém profunda conexão com os significados que estão sendo produzidos em outros campos da vida social; assim, os estudos contemporâneos da recepção enfatizam que a mesma é sempre contextual e envolve sujeitos diversos e diferentes entre si. Por tanto, as leituras que se fazem das mensagens midiáticas também são heterogêneas e podem extrapolar em muito as expectativas dos seus “produtores” (strito

senso). Desta maneira, descobre-se que mesmo tratando de textos midiáticos com intenções ideológicas relativamente claras e fechadas - ou seja, menos “ambíguos” do que costumam ser - é possível fazer leituras “na contramão”, leituras críticas e reflexivas, seja intenção consciente ou não. Consequentemente, é preciso abrir espaço para estudar todos os momentos de produção e recepção, dando também destaque aos processos complexos através dos quais as pessoas interpretam, brincam com e incorporam reflexivamente - de formas mais ou menos “críticas” - estes significados na sua vida cotidiana.

Com certeza, o movimento teórico representado pelo nascimento e desenvolvimento dos Estudos Culturais pertence, como nos alerta Michelle Barrett (1999)<sup>10</sup> ao nosso momento da virada culturalista, isto é, um período histórico, que corresponde, a grosso modo, aquilo que por vezes é chamado de “pós-modernidade”, no qual uma boa parte do “social” se desdobra através da cultura. Neste cenário, o trabalho e a “produção” relegam-se a posições menos centrais na vida e na construção da identidade dos sujeitos ao longo de suas vidas; há uma intensa circulação de “discursos mediados” que encorajam, incitam, estimulam e disciplinam os sujeitos, e as lutas simbólicas pela hegemonia de formas de olhar, pensar e sentir ocupam cada vez mais espaço

10 Socióloga, teórica feminista e pensadora associada à vertente dos Estudos Culturais britânico com uma obra teórica ainda pouco divulgada no Brasil.

no palco da vida social. Embora a renovada importância destes processos de “produção de sujeitos” e identidades renovem a contribuição da metodologia foucaultiana para que as mesmas sejam compreendidas em relação a regimes de “poder/saber”, isto não precisa levar a negar a relevância da insistência de Giddens (1991) enquanto teoriza o caráter reflexivo da modernidade e suas instituições sociais. Muito embora parece estar crescendo hoje o campo de influência dos teóricos retratam o momento como sendo mais caracterizado por perdas (de laços de sociabilidade, de formas articuladas e “universalizantes” de luta política e de possibilidades de articulação de discursos críticos coerentes),<sup>11</sup> podemos argumentar que se trata de teorizações feitas exatamente com ênfase em ora uma, ora outra das linhas contraditórias dos nossos tempos. Ou seja, as tensões entre as teorias são uma forma de verter algumas das tensões mais vivas, mais presentes de nossa vida social e cotidiana.

Por outro lado, como outra vez é apontado por Barrett, reconhecer a “virada cultural” não deve ser entendida como se se estivesse negligenciando os “aspectos materiais” e o poder nas suas “raízes” sócio-econômicas. Este ponto é também reforçado por Hall, quando chama nossa atenção para a necessidade dos Estudos Culturais não descuidarem de tecer sempre interpretações sobre a cultura que incluam as dimensões que

11 Discuto estas visões sobre a pós-modernidade noutro texto (Adelman, no prelo.)

codificamos como as da “economia política” – as relações sociais de poder nas suas estruturais materializadas das relações econômicas – mas sem retornar a uma “‘economia política’ mais clássica da cultura” que “insiste que os processos econômicos e as estruturas de produção cultural são mais significantes do que seu aspecto cultural-ideológico e que estes são um tanto adequadamente apreendidos na terminologia mais clássica do lucro, exploração, mais valia e análise da cultura como mercadoria” (Hall, p.155)

A partir destes desenvolvimentos teóricos, não só vem crescendo o contingente de adeptos às abordagens e às perspectivas teórico-metodológicas dos Estudos Culturais, senão que desencadeia-se, dentro das áreas disciplinares mais tradicionais, reavaliações de seus pressupostos, objetos e campos teóricos. “Antigas disciplinas” como a Sociologia e a Antropologia são obrigadas, como disse Barrett (op.cit.), a re-pensar seus projetos e fronteiras disciplinares. Isto conduz a discussões valiosas sobre o sentido, no momento atual, de se abrir para maiores trânsitos “através das fronteiras” das disciplinas, ao mesmo tempo que algo delas se conserva – como “tensões criativas” entre olhares disciplinares que focalizam dimensões diferentes dos processos sociais, como nuances que sendo observados, permitem perceber melhor a complexidade e o caráter contraditório da vida social. Um exemplo interessante disto nos é servido pela ocasião de lançamento de uma nova

revista internacional, Cultural Sociology que no seu primeiro número se justifica em função de uma necessidade específica: existem publicações de reconhecido valor para disseminar trabalhos dos Estudos Culturais e da Antropologia Cultural, mas ainda assim, haveria uma abordagem especificamente sociológica, que valeria a pena manter, cultivar, e pôr para dialogar com as pesquisas e argumentos desenvolvidos nas áreas afins. Sustentando um argumento sobre uma contribuição disciplinar particular, os autores da publicação, no editorial de apresentação, insistem:

Estudiosos que empregam formas sociológicas para compreender questões de cultura tendem a falar tanto sobre o ‘social’ quanto sobre o ‘cultural’, relacionando ambas esferas – independentemente de como estas são definidas – de determinadas formas (e por vezes, até negando que tal distinção analítica entre ambas esferas possa ser feita – mas mesmo assim, exige-se alguma reflexão sobre ambos significantes, “o social” e “o cultural”) . Colocado de uma forma mais simples, a presença do significante “social” é menos pronunciado nos Estudos Culturais do que na Sociologia. Posições conceituais que tomam “o social” como objeto de interesse e investigação podem considerar-se como pertencendo ao amplo conjunto de “paradigmas” sociológicas. (Inglis, Blaikie e Wagnier- Pacifici, 2007)<sup>12</sup>

12 “Scholars deploying sociological ways of thinking to understand cultural matters tend to talk about both the ‘social’ and the ‘cultural’, relating these realms, however more specifically defined, in certain particular ways (even sometimes



Faz algum sentido argumentar que manter algumas distinções – conceituais, mas relativas e mais “estratégicas” do que outra coisa – entre estas formas de abordar a cultura pode ser útil, para que nossas atuais abordagens inter- (ou trans- ou multi-) disciplinares sejam construídas tecendo explicações que unem contribuições específicas, e que uma sociologia da cultura tenha uma função particular, de lembrar dos vários tipos de relações sociais e históricas que sustentam a produção da “cultura”. Mas exatamente neste espírito, de validar contribuições específicas, saltam a vista - de novo - algumas das grandes contribuições dos Estudos Culturais, que construíram um espaço que permitiu a inclusão de temáticas, objetos e vozes que nas perspectivas mais clássicas das ciências sociais foram pouco teorizados, invisibilizados e por vezes, resistidos.

## **ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS DE GÊNERO: COMPARTILHANDO CAMINHOS.**

A partir de experiências próprias participando do cotidiano de uma universidade federal brasileira e as redes nacionais às quais se integra denying that such an analytical distinction between the two realms can be drawn – but such a claim still involves reflecting on both the signifiers ‘social’ and ‘cultural’) Simply put, the presence of the signifier ‘social’ is much less pronounced in cultural studies than it is in sociology. Conceptual positions that that take the ‘social’ as an object of interest and investigation can be said to belong to the broad set of ‘sociological’ paradigms.”

durante um período de mais de 15 anos, me parece possível dizer que a sociologia, como área disciplinar consolidada e no contexto específico brasileiro, continua atrelada a noções do “cânone” sociológico que se resiste á incorporação mais plenas das contribuições feministas e dos estudos de gênero (*cf* Adelman, 2004). Por outro lado, autores e autoras dos Estudos Culturais, que –no caso brasileiro - encontram maior receptividade fora da Sociologia<sup>13</sup> - ensaiam uma nova perspectiva, “pós-marxista”, para pensar o mundo a partir da complexa imbricação de questões de classe, raça e gênero, adotando uma posição teórica que deshierarquiza estas relações entre si. Stuart Hall, intelectual jamaicano que fez sua carreira intelectual na Inglaterra, tornando-se um dos principais nomes associados ao Centre for Cultural Studies (Birmingham), cita – na sua discussão sobre a constituição do Centro – como “duas interrupções críticas” fundantes de uma nova perspectiva teórica, as contribuições da teoria feminista e dos estudos críticos

13 Evidentemente, refiro-me a processos permeados por mudanças, fluxos e novos debates. Contudo, é significativo que o primeiro volume que disponibiliza um bom conjunto de textos do autor Stuart Hall em versão em língua portuguesa (Sovik e Hall, 2003) apresenta um esforço de pessoas associadas à área de literatura comparada; venho também observando a crescente influência de vários autores teoricamente afiliados aos Estudos Culturais em cursos e programas da Comunicação Social, e mesmo na antropologia; na Sociologia, parece existir maior dificuldade para o estabelecimento destes “novos diálogos”.

sobre raça: rupturas, como ele diz, em referência particular à primeira, que exigiram a *reorganização do campo* de formas bastante *concretas*, incluindo questões como “a expansão radical da noção do poder” e “a centralidade das questões de gênero e sexualidade” para a compreensão do mesmo, novas incursões na indagação sobre “a área perigosa do subjetivo e do sujeito” (Hall, op.cit. pp. 208-209).

O contraste então entre uma “Sociologia da Cultura” clássica pré-feminista, que depois segue um caminho de evolução posterior ainda resistente à perspectiva de gênero, e um novo campo interdisciplinar, já produto de outro momento histórico, que também toma como objeto “a cultura”, fica então de certa forma, “historicamente explicado”. Contudo, o novo campo, que desde uma perspectiva e experiência acadêmica feministas, torna-se um campo particularmente fértil para seus interesses de teorização e de pesquisa, e – na melhor das hipóteses - um espaço onde articulam-se novos diálogos e possibilidades de sair do que tem sido chamado de “gueto” dos estudos de gênero, também exigiu muito trabalho, muito debate, e por vezes bastante tensão e conflito. Como o mesmo Hall reconhece, relativo à trajetória dos estudos de gênero dentro dos EC:

Dada a importância crescente do trabalho intelectual feminista, bem como dos primórdios do movimento feminista no início da década de 70, muitos de nós no Centro – na maioria

homens, é claro – pensamos que fosse o momento de introduzir trabalho feminista de qualidade nos estudos culturais. E tentamos realmente atraí-lo, importá-lo, fazendo boas propostas a intelectuais feministas de peso. Como seria de esperar, muitas mulheres nos estudos culturais não estavam interessadas neste projeto “magnânimo”. Abríamos as portas aos estudos feministas, como bons homens transformados. E, mesmo assim, quando o feminismo arrombou a janela, todas as resistências, por mais insuspeitas que fossem, vieram à tona – o poder patriarcal plenamente instalado, que acreditara ter-se desautorizado a si próprio. (ibidem, p. 209)

Mais interessante ainda é saber, das próprias teóricas feministas e estudiosas de gênero, como as lutas para desenvolver uma abordagem que realmente incorporasse as experiências femininas e a “lente de gênero” se iniciaram, quais os elementos das abordagens mais convencionais precisaram ser “modificadas” para englobar as experiências femininas na produção da cultura e do cotidiano, e quais os conceitos fundamentais que permitiram que esta tarefa progredisse.

Um exemplo que serve para ilustrar o sentido desta “interrupção” e a profundidade das abordagens novas que instituiu encontramos num antigo texto, *Girls and Subcultures* (publicado originalmente em 1975) de duas pioneiras da época, Ângela McRobbie e Jenny Garber (1997). Exatamente na época em que os pesquisadores de

Birmingham estavam elaborando seus primeiros trabalhos sobre *subculturas jovens* – hoje tidos como paradigmáticos para uma nova compreensão de como grupos subalternos desenvolvem seus próprios códigos culturais como formas de resistência da dominação dos grupos hegemônicos – estas pesquisadoras perceberam que mais uma vez, corria-se o risco de reproduzir certas cegueiras canônicas. De fato, nesta nova literatura etnográfica e de análise cultural, reproduzia-se o antigo viés modernista que significava toda ação, e principalmente, toda ação “heróica”, como masculina. Elas apontavam para a ausência de personagens femininas nestas novas estórias e narrativas:

Percebe-se que muito pouco foi escrito sobre o papel das jovens nos agrupamentos culturais dos jovens. Estão ausentes dos estudos etnográficos clássicos, as histórias “pop”, os relatos pessoais e as pesquisas jornalistas da área. As vezes que as meninas aparecem, são retratadas ora de formas que reforçam acriticamente a imagem estereotipada das mulheres que tão bem conhecemos... ora são apresentadas de forma fugaz e marginal.<sup>14</sup> (p. 112; tradução minha)

Em seguida, examinando o discurso de alguns dos pesquisadores da sua geração que sem qualquer questionamento reproduziam os julgamentos de seus jovens informantes sobre “as meninas” (relativos a sua “passividade” e preocupação com coisas “fúteis”; sobre seu apelo sexual e aparência) o que elas sugerem que pode refletir a partilha de um mesmo espaço discursivo, o da *homossociabilidade* - elas levantam questões muito importantes sobre a capacidade destes pesquisadores entenderem o universo simbólico e as práticas de negociação das jovens. Identificam então a necessidade de re-pensar o trabalho dos seus colegas, para poder desenvolver uma metodologia para pesquisa e refletir sobre a relação entre as meninas e as subculturas, marcando continuidades e rupturas:

Retomamos muitos dos conceitos utilizados no estudo dos subculturas masculinas: por exemplo, a centralidade de classe social, a importância da escola, do trabalho, do lazer e da família, o contexto social geral dentro do qual as sub-culturas emergem, e as mudanças estruturais da sociedade britânica do pós-guerra, que parcialmente definem as diversas sub-culturas. Acrescentadas à estas questões são as importantes questões de sexo e gênero. A questão crítica é a seguinte: Como é que esta questão re-dimensiona o campo de estudos culturais da juventude, na forma em que veio a ser definido.<sup>15</sup> (ibidem, p. 13; tradução minha)

14 “Very little seems to have been written about the role of girls in youth cultural groupings. They are absent from the classical subcultural ethnographic studies, the pop histories, the personal accounts and the journalistic surveys of the field. When girls do appear, it is either in ways which uncritically reinforce the stereotypical image of women with which we are now so familiar ... or else they are fleetingly and marginally presented”.

15 Many of the concepts utilised in the study of male subcultures are retained: for example, the centrality of class, the importance of school, work, leisure and the family: the general social context within which the subcultures have emerged, and the structural changes in post-war British society which partially define the different subcultures. Added to these issues, are the important questions of sex and gender. The crucial question is: How does this dimension reshape the field of youth cultural studies as it

As autoras perguntam, e começam a responder à uma série de perguntas sobre a “invisibilização” das mulheres dentro do mundo subcultural, iniciando com a indagação sobre a própria verossimilhança desta ausência. Apontam para o fato de uma boa parte dos primeiros estudos de subculturas proletárias tomarem como objeto exclusivamente a atividades que se desenrolavam no espaço da “rua”, enfatizando neste contexto a relação entre trabalho e lazer ou ócio (por exemplo, interessando-se pela atitude de resistência dos homens às “formas alienadas” do trabalho) e ignorando o que acontecia nos espaços mais “afastados” deste contexto, como os da família, o lar ou mesmo os pontos dentro da comunidade onde aglomeravam-se as mulheres. Pois muito mais nesta época do que hoje – eram estudos sobre subculturas dos anos 50 -, o espaço pública da rua restringia a presença feminina, estando em vigor normas sociais que promoviam formas muito fortes de julgamento de meninas e jovens que a freqüentassem – paradoxalmente, o “desvio” masculino chegava a ser celebrado, enquanto para as pessoas de sexo feminino, o duplo padrão agia com força.<sup>16</sup> A questão do envolvimento dos jovens com a violência – como no caso dos gangues juvenis – também tendia a enfatizar o “caráter masculino” da revolta subcultural, ainda

has come to be defined?

16 As autoras comentam que “With the possible exception of sexual deviance, women constituted an uncelebrated social category, for radical and critical theorists.” (p. 114)

atraindo atenção popular e midiático para seu lado. Mas outras perguntas poderiam ser feitas. Por exemplo, era amplamente discutido o papel da expansão das indústrias da cultura e do lazer na formulação de novas identidades jovens; tratava-se da construção de novas formas de inserção no público, novas sociabilidades das quais as meninas e as mulheres claramente participavam, mesmo se esta participação ocorria parcialmente em espaços mais distantes da “rua”. Por outro lado, os anos 60 trazem novas modificações – a emergência de uma “*softer, more feminised subculture*” que incentivava uma maior presença feminina e criava novos espaços para manifestações subculturais com participação majoritária de jovens de classe média, ajudando de certa forma a quebrar mais as barreiras de gênero (pp. 116).

Procuraram então identificar alguns dos espaços “contraculturais” ou subculturais de participação feminina, perguntando, nestes casos, o que as jovens faziam dentro destes e em que medida continuassem circunscritas às fronteiras ou barreiras da “subordinação geral das mulheres na cultura” (ibidem). Escolheram três figuras para avaliar- as “motoqueiras”, as meninas “mod” e as hippies – e examinaram, em cada caso, os alcances e limites das atividades e atitudes de contestação permitidas às mulheres, que geraram, em maior ou menor grau, situações altamente contraditórias. Finalmente, passaram da questão da participação das mulheres

nas “subculturas masculinas” para a das “formas complementares em que as meninas jovens interagem ... para formar uma cultura distintivamente própria” (p.119).

Outras autoras (Ehrenreich, Hess e Jacobs, 1997) ofereceram um exemplo interessante a consider no texto “*Beatlemania: a sexually defiant consumer subculture?*”, publicado bem mais tarde (originalmente em 1992) mas tratando de um fenômeno da mesma época. Sendo a primeira manifestação do que viria a ser um novo modelo de comportamento da juventude perante seus ídolos culturais, durante muito tempo foi considerado simplesmente como uma “histeria de massa” que – mais ainda, porque protagonizado por meninas - não merecia muito esforço analítico. Mas estas autoras, seguindo a metodologia dos estudos culturais e sua forma de re-considerar os fenômenos da cultura de massas, assim como o impulso feminista de re-considerar as experiências femininas, têm algo mais a dizer:

...se bem não se constitui nitidamente como ‘movimento’ ou ‘protesto’, *Beatlemania* representou a primeira explosão massiva dos anos 60 protagonizada por mulheres – neste caso, meninas, que não atingiriam idade adulta até os anos 60 e a emergência de um genuíno movimento político para a emancipação feminina. Numa sociedade altamente sexualizada... das adolescentes e pré-adolescentes se esperava não somente que fossem ‘boazinhas’ e ‘puras’ mas que agissem como agentes mantenedoras da pureza

dentro da cultura *teen*. Abrir mão do [auto]-controle – gritar, desmaiar, correr em banda – era em forma, se não como esforço consciente, uma tentativa de protestar contra a repressão sexual, o duplo padrão da cultura adolescente feminina. Foi a primeira e mais dramática rebelião da revolução sexual *das mulheres*. . (Ehrenreich, Hess e Jacobs: 523-524)<sup>17</sup>

Pode, segundo o argumento delas, muito bem refletir as formas de inserção e construção de “identidades sub-culturais” que foram tão instigantes para outros pesquisadores em relação a grupos jovens masculinos.

Seguindo nesta linha de raciocínio, podemos pensar não só na conquista de visibilidade feminina no sentido de teóricas e estudiosos/as que *prestam atenção* nas dimensões de gênero da cultura, mas também, o fato da crescente presença – as últimas décadas do século XX foram significativa neste sentido – das mulheres na produção

17 if it was not the ‘movement’, or a clear-cut protest of any kind, *Beatlemania* was the first mass outburst of the 1960s to feature women – in this case girls, who would not reach full adulthood until the 1960s and the emergence of a genuinely political movement for women’s liberation. In a highly sexualized society...teen and pre-teen girls were expected not only to be ‘good’ and ‘pure’ but to be the enforcers of purity within their teen society-drawing the line for overeager boys and ostracizing girls who failed in this responsibility. To abandon control – to scream, faint, dash about in mobs – was, in form if not in conscious intent, to protest the sexual repressiveness, the rigid double standard of female teen culture. It was the first and most dramatic uprising of women’s sexual revolution

cultural (*strito e lato sensu*) e na vida pública em geral. O trabalho atual mantém continuidade com os esforços de crítica cultural feminista das pioneiras, desde que Beauvoir no *Segundo Sexo* formulou importantes questões sobre a representação masculina/masculinistas das mulheres, passando pelas teóricas feministas de cinema como Mulvey (op.cit.), Kaplan (op.cit.) e Lauretis (op.cit.) – esta última interrogando, com tanta eloquência, *de quem os sonhos? de quem as fantasias? de quem o discurso?* – e caminhando no sentido de perguntas cada vez mais complexas e diversificadas sobre as formas em que mulheres participam dos processos de produção da cultura, tanto nas suas formas “elitizadas” como nos seus momentos cotidianos, no “consumo” ou “recepção”.

A princípio, para tais finalidades pouco importaria reforçar antigas fronteiras disciplinares entre, digamos, a antropologia e a sociologia, ou criar novas – entre, por exemplo, os Estudos Culturais e a Sociologia da Cultura. De fato, a teoria feminista e os estudos de gênero nascem como resultado de esforços que acontecem – simultânea e interligadamente – em diversos campos interdisciplinares, e a partir deste momento, dialogam com e contribuem para o desenvolvimento dos campos mais tradicionais como a sociologia, a antropologia e a filosofia, assim como se fazem presentes nas metodologias e produção de outros novos campos transdisciplinares (como os Estudos Culturais, Critical Race Theory e os

Estudos Latinoamericanos). A pesar das “áreas antigas” padecerem por vezes de uma necessidade de “policiamento” de fronteiras disciplinares (Stacey, 1997), a tendência na academia do Século XXI muito provavelmente seja da proliferação de diálogos e influências recíprocas, em direção ao enriquecimento e complexificação das perspectivas.

No Brasil, enquanto a Sociologia da Cultura em grande parte se atrela exclusivamente às perspectivas “clássicas” dos grandes homens (Marx e Simmel, Eliase agora Bourdieu; incluindo por vezes Adorno e Horkheimer, e com muito menos frequência, Raymond Williams),<sup>18</sup> uma nova geração de pesquisadoras/es, incluindo várias pessoas identificadas com os Estudos Culturais, incorporam a visão da cultura como profundamente generificada. A socióloga Wivian Weller (2005), ao perceber que ainda hoje faltam estudos sobre culturas juvenis que captem as experiências das meninas dentro destas, realizou estudos sobre jovens negras e de origem turca nos movimentos hip hop de São Paulo e Berlin. Segundo Weller, na literatura internacional, os primeiros estudos sobre hip hop o entendiam como uma “cultura de resistência” no sentido de uma “ ‘expressão cultural da diáspora africana’ e como forma de articulação dos jovens afro-descendentes contra o racismo e o preconceito” – o que já diversificava em relação a perspectivas que partiam da questão de classe para

<sup>18</sup> Apresento uma discussão maior esta problemática noutra lugar (cf. Adelman, 2001)

entender outras sub-culturas juvenis. No entanto, tendiam a reproduzir o problema de gender blindness das teorias clássicas. Um dos mecanismos que permitia isto era um enfoque que privilegiava as vozes e experiências dos membros do movimento que estavam mais nos holofotes, de fato, os mais “visíveis”. Porém, não se pode concluir que sejam estas as pessoas que constroem o movimento, as únicas a ter um papel fundamental na elaboração dos sentidos e significados de sua forma particular de “resistência cultural”. Weller defende a opção de compreender

o hip hop não somente como espaço dos rappers, dançarinos, grafiteiros e DJs, mas também como cultura juvenil daqueles e daquelas que participam enquanto fãs desse “estilo que ninguém segura”, veremos que a atuação feminina no movimento é significativa. Esse olhar diferenciado sobre as culturas juvenis amplia as perspectivas de análise e de compreensão dos significados construídos no interior desses movimentos. (Weller, p. )

Por outro lado, a luta de uma minoria de meninas que chegam a formar grupos de rap ou dança se reveste de nova importância, pois através das dificuldades que elas encontram em se afirmar e perdurar no meio revela também aspectos fundamentais de cultura hip hop em si, por exemplo, os significados que (re)produz sobre gênero, sobre masculinidade, sobre homossexualidade, etc.

Estudos sobre televisão feitos pelas antropólogas Heloisa Buarque de Almeida (2003) e Esther Hamburger (2005) também demonstram a necessidade e a riqueza analítica de incluir a dimensão de gênero na abordagem de discursos midiáticos, sua produção e recepção. Ambas examinam o lugar da televisão, e mais especificamente, da telenovela, na história recente do país, mostrando como esta se torna um espaço de produção de discursos sobre questões tão diversas quanto relacionadas como a são o consumo, o privado e o público, o masculino e o feminino, o rural e o urbano e o rumo da democracia brasileira. Ao fazer isto, trata-se também de um importante espaço de produção de subjetividades, necessidades” e desejos – como demonstra claramente o trabalho etnográfico de Almeida (op. cit.)- assim como um lugar onde as mudanças nas relações de gênero que se desenrolam noutros terrenos da vida social – o mundo do trabalho, as relações familiares, os movimentos sociais, entre outros – demonstram seus alcances e limites. É neste sentido que Hamburger (2007) mostra a evolução da telenovela no Brasil, que a partir de década de 1990 consolida uma clara abertura para “novas possibilidades do feminino” sem que isto implique numa verdadeira problematização da discriminação de gênero, ainda profundamente arraigada na sociedade e na cultura.

Para concluir, talvez seja interessante chamar a atenção para o fato de estarmos, hoje, na véspera dos quarenta

anos do maio '68, o momento mais freqüentemente lembrado para representar os sonhos radicais de uma geração, de transformação social, cultural e política. Esta época da segunda metade do século XX é muitas vezes vista como ápice de um longo processo – um processo que abrange o século inteiro – de “feminilização” do mundo social da (pos) modernidade (cf. Verdu, 2008)<sup>19</sup>. Mas, tanto no campo da produção cultural quanto ao das contradições sociais, a complexa dinâmica destes processos continuam insuficientemente compreendida. Trabalhar para destrinchar como, por quem e por quê determinado processos culturais são significados como femininos - ou masculinos – pode revelar muito sobre o momento que estamos vivendo, e é minha convicção que a abordagem desenvolvida em torno dos Estudos Culturais tenha nos oferecido poderosos e imprescindíveis instrumentos para seguir adiante nesta tarefa.

---

19 Este pequeno texto, que saiu originalmente no jornal espanhol, El País, pode servir de exemplo. Re-apresentando a visão bastante hegemônica em círculos “críticos” sobre o triunfo de valores que abrem espaço mais para um novo consumismo do que para a transformação social, termina afirmando que o momento representado pelo '68 “ Foi, sem dúvida, uma grande vitória da feminilidade”. Artigo breve, mas suficiente para suscitar ou reavivar uma persistente confusão; se lembrarmos o argumento de Rita Felski (op, cit.) sobre a histórica tendência de autores modernos construir “a Mulher” como o grande Outro (irracional, sensual, hedonista) do projeto moderno, ocidental e “racional”, percebemos com clareza como continua sendo fácil escamotear longas e sérias lutas que envolveram todos os terrenos da vida social, desde o trabalho e a política até (e na sua conexão com) a vida privada, sexual e pessoal.



## REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. (2004). Um lugar no sol? A teoria feminista e seu lugar no campo das ciências sociais. In: Lago, M.;Grossi, M.; Rocha, C.;Garcia, O.; Sena, T.. (Org.). Interdisciplinidade em diálogos de gênero. 1 ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004, v. 1, p. 165-175
- ADELMAN, Miriam ( 2001 ) “ O re-encantamento do político: interpretações da contracultura”. Revista de Sociologia e Política, n.16, dezembro.
- ADELMAN, Miriam. (no prelo) “Modernidade e Pós-modernidade em vozes femininas”. In: Codato, Adriano,org. Para Viver no Século XX.
- ALMEIDA, Heloisa B. de. (2003) Telenovela, Consumo e Gênero: “muitas mais coisas”. Bauru,S.P.: ANPOCS/EDUSC.
- APPADURAI, Arjun. (1996)Modernity at Large: the Cultural Consequences of Globalization.
- BARRETT, Michelle. (1999) Imagination in Theory: Culture, Writing, Words and Things. New York: New York University Press.
- BHABHA, Homi. (1994) The Location of Culture. London: Routledge Press.
- CANCLINI, Nestor G. (2006) Culturas Híbridas. São Paulo: Editora Edusp.
- CANCLINI, Nestor G. (1995) Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização. Rio de Janeiro: 2006. (6a edição)
- EHRENREICH, Barbara; HESS, Elizabeth e JACOBS, Gloria. (1997) “Beatlemania: a Sexually Deviant Consumer Culture? In: : Gelder, Ken and Thornton, Sarah (1997) The Subcultures Reader. London/New York: Routledge. (pp.112-120)
- FELSKI, Rita. (1995) The Gender of Modernity. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press.
- FLAX, Jane. (1991) Thinking Fragments: Psychoanalysis, Feminism and Postmodernism in the Contemporary West. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- GIDDENS, Anthony. (1991) As Consequências da Modernidade. São Paulo: Editora UNESP.

- GILROY, Paul. (2001) O Atlântico Negro. São Paulo: Editora 34.
- HALL, Stuart. (2003a) “Estudos Culturais e seu Legado Teórico”. In: : Hall, Stuart e Sovik, Liv (organizadora) Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora Humanitas. ( pp. 199-218)
- HALL, Stuart. (2003b) “Estudos Culturais: Dois Paradigmas”. In: Hall, Stuart e Sovik, Liv (organizadora) Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora Humanitas. (pp.131-159)
- HALL, Stuart. (2003c) “Pensando a Diáspora: Reflexões sobre a Terra no Exterior.” (pp. 25-50)
- HALL, Stuart. (2003d) “Codificação/Decodificação”. (pp.387-406)
- HAMBURGER, Esther. (2005) O Brasil Antenado: a sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed.
- HAMBURGER, Esther (2007) “A Expansão do ‘Feminino’ no Espaço Público Brasileiro: novelas da televisão nas décadas de 1970 e 80”. Revista Estudos Feministas. Florianópolis. Vol 15, n. 1 ( pp 153-176)
- HOLLANDA, Heloísa B. de. (1998) The Productive Instability of Feminist Studies in Brazil. <http://acd.ufpr.br/pacc/literaria/paper2helo.html>
- HUYSEN, Andreas. (1986) After the Great Divid: Modernism, Mass Culture, Postmodernism. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press.
- INGLIS, David; Blaikie, Andrew e Wagner-Pacifici, Robin. (2007) Editorial: Sociology, Culture and the 21st Century. Cultural Sociology. Volume 1(1):5-22.
- KAPLAN, E. Ann. (2000) “Is the Gaze Male?” In: Kaplan, E. Ann, ed. Feminism and Film (Oxford Readings in Feminism) Oxford: Oxford University Press. (pp. 119-138)
- LAURETIS, Teresa. (1984) Alice Doesn't: Feminism, Semiotics, Cinema. Bloomington: Indiana University Press.
- MATTLEART, Armand e NEVEU, Erik. (2004) Introdução aos Estudos Culturais. São Paulo: Editora Parábola.
- MROBEY, Angela e GARBER, Jenny. “Girls and Subcultures”, In: Gelder, Ken and Thornton, Sarah (1997) The Subcultures Reader. London/New York: Routledge. (pp.112-120)

- MULVEY, Laura. (2000) "Visual Pleasure and Narrative Cinema". In: Kaplan, E. Ann. (2000) *Feminism and Film (Oxford Readings in Feminism)* Oxford: Oxford University Press. (pp. 34-47)
- SAID, Edward. (1979) *Orientalism*. New York: Random House Trade Paperbacks.
- SAYRES, Sonja, et. al. (1984) *The Sixties without Apology*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- SILVA, Tomas Tadeu da. (2000) *Que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte:Autêntica.
- STACEY, Judith. (1997) "Disloyal to the Disciplines: a Feminist Trajectory in the Borderlands", In: Laslett, Barbara e Thorne, Barrie. *Feminist Sociology: Life Histories of a Movement*. New Brunswick/London: Rutgers University Press. (pp.126-150)
- STOREY, John. (2003) *Cultural Studies and the Study of Popular Culture*. 2a. Edição. Athens:University of Georgia Press.
- THOMPSON, John. (1995) *Media and Modernity: a Social Theory of the Media*. Stanford: Stanford University Press.
- VERDU, Vicente. (2008) "O Sexo e a Revolução".Folha de São Paulo. Caderno Mais! p.2.
- WELLER, Wivian. (2005) "A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. Revista Estudos Feministas v.13.n.1 Florianópolis jan./abr
- WILLIAMS, Raymond. (1983) *Culture and Society: 1780-1950*. New York:Columbia University Press.